
AFINIDADES ATROPOLÓGICAS

ENTRE FRANCISCO DE SALES

E VIKTOR FRANKL *



Nelson Maria Brechó da Silva**, Agnaldo Costa Junior***

Resumo: o presente estudo apresenta as contribuições de São Francisco de Sales sobre o tema da vocação universal à santidade cristã. Faz-se, assim, uma relação aos princípios teóricos fundamentais de Viktor Frankl, tendo por abordagem o conceito de santidade cristã nos escritos de Sales. A universalidade da vocação à santidade cristã foi apresentada por este Santo na categoria do amor, sendo descrita e conceituada partindo do amor humano. Pode-se afirmar que há afinidade e muitos pontos tangentes na concepção espiritual do ser humano, uma vez que Frankl desenvolve o conceito espiritual-espiritualidade numa realidade ontológico-antropológica; enquanto Sales no âmbito de uma realidade metafísica. O maior ponto de contato entre os autores pode se dar a partir do conceito de consciência moral em Frankl e o conceito de vontade e ou os três graus da razão em Sales.

Palavras-chave: *Vocação. Santidade. Amor.*

A teologia de São Francisco de Sales, que nasceu em 1567 e faleceu em 1622, é solidamente enraizada em seus fundamentos doutrinários cristãos e realmente inseparável dos mesmos. Tratou-se de um teólogo místico que escreveu obras como o *Tratado do amor de Deus* e a *Introdução à vida devota*, contudo, não é possível entender sua teologia sem, com isso, compreender as linhas principais de sua visão de ser humano, ou seja, a perspectiva antropológica.

* Recebido em: 14.09.2022. Aprovado em: 03.11.2022.

** Doutor em Filosofia e em Teologia pela PUC SP. Professor na Faculdade São João Paulo II. E-mail: nelsonbrecho@yahoo.com.br

*** Doutor em Teologia. Professor do Centro Universitário Salesiano de São Paulo. E-mail: agnaldocj@gmail.com

No *Tratado do amor de Deus*, oferece um bom ponto de partida para analisar a frutuosa interação entre os aspectos teológicos e antropológicos de seu pensamento. O bispo de Genebra resume todo o tema da relação entre Deus e o humano quando diz que “[...] Deus é o Deus do coração humano” (SALES, 1894, p. 74, tradução nossa)¹.

Assim, quatro séculos depois do bispo de Genebra, o psiquiatra Frankl parte de uma espiritualidade existencial para elaborar uma teoria filosófica do ser humano sem excluir, com isso, uma concepção antropológica.

Nesse sentido, pretende-se, neste estudo, apresentar de maneira mais profunda as contribuições de Francisco de Sales e Viktor Frankl à reflexão da realidade total do ser humano, iniciando-se a abordagem pelo Santo a partir de seus primeiros quatro livros do *Tratado*, no intuito de, assim, apresentar seu pensamento sobre o ser humano. Quanto a Frankl, parte-se de seus princípios teóricos enquanto psiquiatra e de sua tese filosófica acerca de *Deus inconsciente*.

Dessa maneira, o que se propõe é relacionar a teologia à filosofia, encontrando inspiração na antropologia teológica de São Francisco de Sales no horizonte da integralidade do ser humano. Considera-se, como ponto de partida, a necessidade da teologia dialogar com a filosofia. É interessante observar que a antropologia de Francisco de Sales se mostra como uma antropologia teológica, ao passo que Frankl elabora uma antropologia filosófica. Na primeira o ser humano é compreendido pelo prisma da fé, sobre a condição humana no plano de Deus. Já na antropologia frankliana o ser humano é compreendido a partir das escolhas que faz de si. Sendo assim, sublinham-se no decorrer do artigo as afinidades entre os autores sem perder de vista as suas particularidades que enriquecem o diálogo antropológico.

SÃO FRANCISCO DE SALES, BISPO DE GENEBRA

A antropologia foi central para o pensamento de São Francisco de Sales, isso porque, embora o Santo não tenha escrito alguma obra especificamente sobre o tema, algumas de suas publicações estão repletas de reflexões sobre a natureza da humanidade e a vida moral. As que se mostram mais extensas concernem sobre os elementos de antropologia, que ocorrem nos quatro primeiros livros do *Tratado do amor de Deus*, em que estuda sua base filosófica.

A raiz essencial da antropologia de São Francisco de Sales está baseada no conceito de amor, sendo que o mesmo apresenta uma análise a respeito. Prova disso é que, no prefácio, expõe o projeto do referido livro: “[...] pensei apenas em representar simples e ingenuamente, sem arte e ainda mais sem arrebique, a história do nascimento, do progresso, da decadência, das operações, propriedades, vantagens e excelências do amor divino” (SALES, 1894, p. 8, tradução nossa)².

São Francisco de Sales aprofunda o conhecimento do amor, sonda as profundezas deste oceano, embora saiba que “o fundo da ciência é sempre um pouco mais difícil de sondar, e poucos mergulhadores se acham que queiram e saibam ir recolher as pérolas e outras pedras preciosas nas entranhas do oceano” (SALES, 1894, p. 13, tradução nossa)³.

O bispo de Genebra primeiramente parte do conhecimento simples da natureza humana para o espiritual, sendo que, posteriormente, se aprofunda no conhecimento do amor como parte natural, ou seja, como a chave de compreensão do entendimento do amor divino. É indispensável conhecer o ser humano para conhecer Deus, embora isto não seja o suficiente. O Santo se inspira no Cântico dos Cânticos “dos amores de um casto pastor com uma pudica pastora” (SALES, 1894, p. 51, tradução nossa)⁴ para, assim, explicar a união espiritual que se faz entre Deus e a pessoa pelo amor divino e, portanto, parte do amor carnal para chegar ao que se mostra espiritual.

A criatura humana responde amor por amor do Criador porque é atraída primeiramente por Ele e, por isso, São Francisco de Sales parte da realidade profunda da paixão humana utilizando-se de elementos ontológicos e psicológicos do amor para descrever esta sua intuição. Em outras palavras, aponta que a vontade governa o ser humano, sendo esta conduzida pelo amor:

[...] entre a inumerável multidão e variedade de ações, movimentos, sentimentos, inclinações, hábitos, paixões, faculdades e potências que estão no homem, Deus estabeleceu uma natural monarquia na vontade, que manda e domina sobre tudo o que se acha neste pequeno mundo [...] (SALES, 1894, p. 25, tradução nossa)⁵

No entanto, o ser humano é direcionado pela vontade – um elemento natural que age sobre os movimentos, ações e sentimentos. O objeto da vontade é o bem, e esta dá a unidade ao interior da pessoa. Por outro lado, o amor direciona a vontade, transformando a vontade semelhante ao amor (SALES, 1894). Portanto, Deus atrai todos ao seu amor, quer o ser humano senão pelo amor (SALES, 1893).

Contudo, vale definir o amor como o ato fundamental da faculdade afetiva, sendo o primeiro e principal desejo o sensual (SALES, 1894). O ser humano possui paixões provindas do apetite sensual, que se constitui em doze movimentos mediante o bem que se procura desejar, aproximar ou se afastar. Ele que, em seu apetite, sente a atração do bem e se move em direção ao mesmo porque possui o apetite natural e universal ao bem, pode ser explicado da mesma maneira com que um rio corre naturalmente ao mar. O bem em si mesmo provoca o amor (SALES, 1894), isto é, o apetite sensual o provoca (SALES, 1893). Além disso, o amor é princípio e a origem de todos os desejos (SALES, 1894), embora o mesmo, que está ou nasce no desejo sensual, é o amor sensual ou

bruto que deve ser chamado de sensualidade (SALES, 1894). Portanto, o amor é um apetite sensual à procura do bem ou do mal.

O amor genuíno é mais superior porque está na vontade, que é o desejo intelectual e racional (SALES, 1894), já que é orientado pela razão na busca do bem (SALES, 1894). Entre os movimentos da vontade (SALES, 1894), o amor é a primeira e a principal das afeições, derivando das demais. A vontade é ação exclusiva das afeições, entre as quais o amor, como o primeiro motor e o primeiro sentimento, dando o impulso a todos outros estados afetivos ou sentimentais (SALES, 1894).

São Francisco de Sales, seguindo Santo Tomás de Aquino e Santo Dionísio, diz que “[...] o bem é aquilo que agrada ao apetite e à vontade [...]” (SALES, 1894, p. 24, tradução nossa)⁶ e, por isso, a vontade não pode ser indiferente, embora haja liberdade por parte da vontade em recusar o amor substituindo por outro. A pluralidade dos sentimentos – como paixões e afeições – origina no amor, como “fonte e raiz” (SALES, 1894, p. 32, tradução nossa)⁷, permanecendo a possibilidade de escolher um ou outro. A vontade está acima de todas as faculdades humanas com todos os seus movimentos, sendo conduzida sem interrupção pelo amor que livremente escolhe e com o qual se identifica.

A noção de amor é, segundo São Francisco de Sales, a vontade profunda para o bem e nele se compraz:

[...] o amor não é outra coisa senão o movimento e efusão do coração que se faz para com o bem, por meio da complacência que se tem neste; de sorte que a complacência é o grande motivo do amor, como amor é o grande motivo da complacência (SALES, 1894, p. 255, tradução nossa)⁸.

No sentimento que afeta o ser humano na presença do bem, se distingue diversos aspectos, a exemplo da complacência – um aspecto psicológico desta afinidade ontológica sobre o amor diante do bem que se possui antecipadamente, e ao qual se compraz, embora não seja a possessão perfeita. Dessa forma, não há amor sem complacência, porque o primeiro se origina, se mantém e se inclina ao segundo e, ao cessá-la, cessa também o amor (SALES, 1894).

A complacência nasce do conhecimento intelectual no amor, isto é, uma operação intelectual no qual consiste-se do amor em sua essência (SALES, 1894). Assim, o conhecimento do bem dá origem ao amor, mas não à sua dimensão (SALES, 1894), pois não é ainda uma possessão perfeita. Para entender como essa perfeição do amor deve ser atingida, deve-se voltar à terra e começar uma observação mais próxima de como São Francisco de Sales entendeu as faculdades e as atividades da alma.

O Santo utilizava-se de uma antropologia de um tipo essencialmente neoplatônico,

no qual há uma distinção entre dois níveis da alma, ou seja, a alma humana possui duas zonas que levam ao aperfeiçoamento do ser humano: inferior e superior. No primeiro caso discorre-se e propõe conclusões pela experiência e conhecimentos fornecidos pelos sentidos, enquanto que, no segundo caso, trata-se daquela que discorre e sugere conclusões pelo discernimento e juízo do espírito (SALES, 1894).

Num primeiro momento, dividir a psique humana em duas zonas parece ser uma dicotomia mas, na realidade, as mesmas se interpenetram e se completam. Embora a alma humana seja indivisível, conta com as dimensões inferior e superior. A primeira consiste na corporeidade e no inconsciente, que abrange os atos conscientes ligados àquele *apetite sensual*, ao passo que a superior consiste na razão e na vontade, sendo que a razão esclarece a vontade na busca do bem.

Ressalta-se, contudo, um segundo elemento importante na antropologia neoplatônica generalizada, isto é, a insistência nas funções complementares das faculdades cognitiva e afetiva no movimento para Deus. Desta forma, a parte superior se ramifica em três graus da razão: a inteligência natural, a fé explicada pela teologia e a mística propriamente dita (SALES, 1894). No primeiro grau da razão, tem-se o domínio dos bons sentidos e que na espontaneidade se julga para bem ou para mal, segundo o interesse imediato. O segundo grau da razão é possibilitado pela cultura geral que, mediante os conhecimentos humanísticos, filosóficos, científicos, éticos e estéticos têm, como objetos, a verdade, o bem e a beleza, que conduzem ao limiar da fé. Por fim, o terceiro grau da razão é o conhecimento dado pela fé, que se manifesta em duas maneiras, pela teologia e pela oração, considerando que a primeira se dá pela academia e a segunda, por sua vez, ocorre pela relação íntima com Deus, na experiência do amor.

São Francisco de Sales conduz ao quarto grau, a “[...] certa eminência e suprema ponta da razão [...]”, em que se pode conhecer “[...] por uma simples visão do entendimento e por um simples sentimento da vontade, pelos quais o espírito aquiesce e se submete à verdade e à vontade de Deus” (SALES, 1894, p. 67, tradução nossa)⁹. Nota-se, assim, que esse “[...] fundo do coração é reservado somente a Deus e que só ele pode penetrá-lo” (SALES, 1897, p. 358, tradução nossa)¹⁰.

Conclui-se, dessa forma, que esses quatro graus da razão correspondem aos quatro graus de afetos, que são identificados como naturais, racionais, cristãos, divinos e sobrenaturais (SALES, 1894). Percebe-se que São Francisco de Sales afirma que a realização de um bem nele torna infinitamente mais amável do que todos os conhecimentos que dele se pudessem ter (SALES, 1894).

A partir dessas breves considerações, pode-se perfeitamente caracterizar a antropologia de São Francisco de Sales como aberta ao alto, que privilegia a iniciativa divina, contudo, não se deve esquecer que seu movimento é para baixo e se-

gundo uma orientação quenótica. Com isso, conclui-se que Deus se aproxima do homem aguardando sua resposta, e o que se encontra em sua base é uma antropologia em que se tem o ser humano como um sistema aberto.

Ao encerrar o entendimento da perspectiva do Santo, examina-se, por sua vez, a posição de Frankl, bem como sua relação com o bispo de Genebra quanto à abordagem antropológica. Assim, procura-se ultrapassar alguns limites de contexto cultural e filosófico, no intuito de um maior diálogo em vista da compreensão do sentido da vida e, principalmente da visão frankliana como filósofo. A reflexão acerca de Deus parte da fé em Sales, enquanto que, em Frankl, parte da atitude filosófica.

VIKTOR FRANKL

O austríaco Viktor Emil Frankl na sua missão de psiquiatra como filósofo possui uma visão essencialmente respeitadora da realidade global e profunda do ser humano, dado que utilizava-se da expressão *Deus inconsciente*, ou seja, o inconsciente espiritual. E ainda: *Deus no Inconsciente (Der Unbewusste Gott)*. No Brasil, o título foi traduzido para *A presença ignorada de Deus*. Na realidade, este livro é sua tese de Doutorado em filosofia de 1948.

Desta forma, a natureza humana não se reduz nos instintos, como bem expôs: “[...] o verdadeiro ser humano, [...] não é um ser impulsionado [...]” (FRANKL, 2017, p. 21) e, por isso, insere a dimensão espiritual no tratamento psicológico. Além disso, afirma “[...] introduzir na prática médica o espiritual, como um âmbito essencialmente diferente e independente da esfera psicológica *stricto sensu*” (FRANKL, 2017, p. 19, grifo do autor).

Inicialmente, pode-se abordar, em Frankl, sobre a compreensão acerca dos conceitos filosóficos, isto é, os princípios básicos sobre pessoa, liberdade, responsabilidade e sentido, que são transportados à prática. A chave para entender a antropologia filosófica dele é reconhecer estas noções metafísicas centrais implicadas em todos os seus escritos.

O ser humano, por ter uma dimensão existencial, são seres metafísicos, situados num quadro ideológico-filosófico, isto é, com base existencial do *para quê*. Sendo assim, entende-se que há uma relação estreita entre a orientação de sentido interna de um indivíduo e sua saúde psíquica.

Viktor Frankl não tem mais atração pela psicanálise freudiana do que pela psicologia das profundezas de Jung. Isso porque, quanto ao primeiro, reprova a concepção materialista que reduz o ser humano a uma mecânica, enquanto que, no que diz respeito ao segundo, não tolera a recondução da vida religiosa a elementos do inconsciente arcaico e coletivo, que deixam as decisões pessoais de lado.

Há, para Frankl, um mistério da pessoa que não é apenas produto psicofísico puro e, sendo assim, ultrapassa a dimensão psicológica, na qual se destaca a totalidade do ser humano orientado ao espiritual, tendo por fundamento uma base ontológica, ou seja, “uma característica do horizonte pressuposto por nós seria que a existência humana no fundo significa existência responsável e que o homem, em última análise, é um ser que luta espiritualmente pelo sentido concreto de sua existência pessoal” (FRANKL, 1991, p. 11). Em suma, Frankl afirma a concepção de pessoa espiritual, que é capaz de se orientar para o significado e tender naturalmente para a autotranscendência.

Se a busca de sentido é inibida, incompreendida e não declarada, foi que no coração humano se encontra um Deus inconsciente, que se manifesta em particular por meio do dilema moral e do sentimento de transcendência. Assim, para o autor da *Logoterapia*, o ser humano é por natureza espiritual tendo, desta forma, a capacidade de decidir principalmente sobre si mesmo.

Destarte, Frankl postula a dimensão espiritual que define o movimento da existência humana, porque a vida humana é uma realidade dinâmica, em permanente mudança, capaz de transcender e distanciar-se. A dimensão noética não é acessível à patologia, é o lugar da liberdade da vontade e da afirmação do caráter sensível da vida. A dinâmica da existência é, portanto, inseparável da busca do sentido indefinido, em relação ao qual o sujeito é chamado a definir sua própria singularidade.

O pensamento de Frankl tem o sujeito humano como plenamente livre para decidir tudo em sua vida, como apontou em sua teoria e, nesse sentido, suas palavras parecem, quanto a isso, especialmente oportunas, pois sinalizam de forma incisiva seu ponto central:

Tratando-se, porém, de um fenômeno humano, a liberdade é também inteiramente humana. A liberdade humana é uma liberdade limitada. O homem não é livre de certas condições. Mas é livre para tomar posições diante delas. As condições não o condicionam inteiramente. Dentro de certos limites depende dele se sucumbe e se deixa limitar pelas condições ou não. Ele pode até superar as condições e, assim fazendo, abrir-se um caminho e penetrar na dimensão humana [...] A liberdade humana implica a capacidade do homem de distanciamento de si próprio (FRANKL, 1989, p. 42-43).

Por isso, o sujeito humano é livre dos instintos, dos condicionamentos genéticos que não o possui, embora os possua. A decisão, assim, é sempre da pessoa de aceitar ou rejeitar um destino, tendo o poder de distanciar-se.

A partir dessas breves considerações, pode-se perfeitamente afirmar que a liberdade é propriamente *para*, como assim define:

Toda liberdade tem um “de quê” e um “para quê”. O “de quê”, do qual o ser humano pode se libertar, está em seu ser impulsionado; seu eu, então, tem liberdade diante de seu id. O “para quê” da liberdade humana é sua responsabilidade. A liberdade da vontade do ser humano é, portanto, a liberdade “de” ser impulsionado “para” ser responsável, para ter consciência (FRANKL, 2017, p. 48).

A liberdade é *para*, tomar posição perante todos os condicionamentos. Assim se pretende significar que o sujeito humano pode tomar a responsabilidade de sua vida. Dessa maneira, a liberdade humana, não sendo absoluta em si mesma, pressupõe sempre a responsabilidade. A liberdade e a responsabilidade estão inteiramente ligadas, porque o ser humano é um ser que decide, responde livremente.

Esta liberdade da vontade, perante si mesmo, está aberta ao transcendente, como afirma Frankl (2017, p. 54):

Com efeito, ao dizer que, ao contrário do id que é impulsionado, o eu é fundamentalmente ser responsável, não estamos absolutamente afirmando que esse eu responsável seja responsável somente perante ele próprio. Ser livre é pouco, ou nada, se não houver um “para quê”.

O ser humano é responsável em relação *para* e, por ser responsável em relação ao outro, assim pode destacar a transcendência da consciência ao *Outro* da transcendência.

O tema *sentido* ocupa um lugar central para Frankl, pois, para esse propósito, tem que “o homem procurar sempre um sentido para sua vida. Ele está sempre se movendo em busca de um sentido de seu viver” (FRANKL, 1989, p. 23).

Contudo, é necessário descobri-lo por meio da realidade da vida, dado que, se perder a base existencial do *para quê*, qualquer continuidade da vida perde também seu valor. Isso se deve ao fato de que o sujeito humano, como um ser inserido no mundo, torna-se humano à medida que toma contato com o mundo. Assim, justifica que:

O comportamento humano é humano apenas na medida em que ele finalmente trata de um agir-no-mundo. De fato, o mundo nos dá os motivos que nos desafiam à ação. Ele nos dá as razões para abordá-lo desta ou daquela forma, seja fazendo algo, seja amando alguém (FRANKL, 1990, p. 35).

Dessa forma, precisa-se dar sentido, descobrir ou encontrar o sentido nas escolhas, experiências e atividades, assim como aos limites e às circunstâncias da vida. Com isso, o ser humano se esforça por uma *vontade de sentido*.

Frankl (1990, p. 48) aborda a esse respeito:

Não se pode, portanto, dar sentido, e não podemos dizer o que é o sentido; mas certamente podemos dar a entender que a vida tem um sentido, sim, mais que isto: que mantém este sentido sob todas as condições e circunstâncias, que, portanto, em contraposição à sensação de falta de sentido, a vida é plena de sentido e assim permanece até o último momento, até nosso último suspiro.

Nessa abordagem, é oportuno e mesmo necessário explorar a espiritualidade em um nível superior, que se completa em uma direção ao significado último e absoluto que é Deus.

Nota-se que Frankl (1991, p. 62) aponta para uma dimensão espiritual:

Uma característica da existência humana é a sua transcendência. E o homem transcende não só o meio ambiente em direção a um mundo, ao mundo, mas também o seu ser em direção a um dever. Porém, sempre que o homem excede a si mesmo dessa maneira, ele se eleva acima do seu próprio psicofísico, deixa o nível do somático e do psíquico e penetra no espaço do verdadeiramente humano, que é constituído por uma nova dimensão, a dimensão noética, do espiritual.

Além disso, Frankl (1991, p. 127) afirma que “[...] a natureza humana é justamente a priori completamente espiritual e, quando ela não o é, ela decaiu ao nível do não-espiritual, que não pode ser confundido com a não-espiritualidade do animal”.

Entende-se, dessa forma, que o espiritual distingue o humano e o animal. Não se pode viver na imanência e, assim, o que distingue o ser humano não são os impulsos, mas a transcendência.

Assim, o austríaco tem o ser humano não apenas como um ser biológico, tampouco apenas espiritual, já que, para Frankl (1978, p. 122-123), “[...] o homem é, apesar de tudo, unidade e totalidade, porque não afirmamos, de modo algum, que o homem seja *composto* de corpo, alma e espírito. Ele é tudo isto, pelo contrário, unitariamente, mas só o espiritual constitui e garante esta unidade.”. Em suma, Frankl (2017, p. 27) defende que a transcendência se dá em um nível superior, se completando em direção ao significado último e absoluto, que é Deus. Expõe que “não é só na origem, na primeira instância, contudo que o espiritual é inconsciente, mas também na última, ‘na última instância’”.

Para Frankl, portanto, há o inconsciente espiritual, já que, para o mesmo, o inconsciente aparece como profundidade irrefletida e irracional, de caráter absolutamente pessoal e necessariamente transcendente. É o lugar onde acontecem as grandes decisões existenciais e, além disso, o lugar onde a pessoa se dirige ao Lo-

gos, Sentido, supremo de todo o universo. Este inconsciente espiritual aparece como transcendente, nessa perspectiva, Frankl (2017, p. 58) conclui “[...] que sempre houve em nós uma tendência inconsciente em direção a Deus, que sempre tivemos uma ligação intencional, embora inconsciente, com Deus. E é justamente este Deus que denominamos de Deus inconsciente”. Portanto, a expressão *Deus inconsciente* quer indicar o caráter transcendente da natureza humana.

Ao examinar rapidamente o conceito de amor, Frankl (1978, p. 63) afirma que “o amor constitui [...] a autotranscendência da existência humana. Com isso, abranjo o fato antropológico fundamental de que o ser-homem sempre indica uma transcender na direção de um sentido”. Dessa maneira, o ser humano se realiza quando transcende-se. Em outras palavras, a pessoa se torna verdadeiramente humana quando está orientada para uma causa ou pessoa, esquecendo-se de si mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao expor a compreensão antropológica de São Francisco de Sales e Viktor Emil Frankl, pretendeu-se resumir os pontos principais de suas perspectivas. Procura-se, agora, esclarecer as afinidades e particularidades entre ambos.

Quando se procura a compreensão do que é espiritual, Frankl foca-se em conceitos filosóficos como pessoa, liberdade, responsabilidade e significado, aspectos estes que mostram nexos com a teologia do Santo, em especial do *Tratado do amor de Deus*, quando envolve-se o problema do significado. Portanto, Frankl (2017, p. 19, grifo do autor) afirma que buscou “[...] introduzir na prática médica o espiritual, como um âmbito essencialmente diferente e independente da esfera psicológica *stricto sensu* [...]”.

Frankl vai além da dimensão psicológica, destacando a totalidade do ser humano como ser espiritual-pessoal, tendo por fundamento uma base ontológica. Em suma, defende que o ser humano é um ser espiritual-pessoal, que é capaz de se orientar para o sentido superior e tende, naturalmente, à autotranscendência.

Ademais, Frankl aponta para uma dimensão superior, como faz São Francisco de Sales em relação à instância superior da alma. Além disso, entende-se que o espiritual distingue o humano do animal, pois não se pode viver na imanência. Nesse sentido, apresenta-se um novo ponto que converge com a antropologia teológica de São Francisco de Sales, já que Frankl (2017) defende que o que distingue o ser humano enquanto tal não é a impulsividade, e sim a espiritualidade.

A pessoa por natureza é toda intuição, sendo que a realidade ou a essência própria do ser humano não é o intelecto, tampouco a razão. Frankl aborda sobre um sentimento intencional, ponto este em que há convergência com o apresentado

por São Francisco de Sales, no que diz respeito à sua reflexão de uma racionalidade amorosa quando a vontade é conduzida pela razão.

Este inconsciente espiritual alimenta o intelecto e instintos, sendo o lugar em que acontecem as grandes decisões existenciais e, além disso, o local onde a pessoa se dirige ao Logos, Sentido e supremo de todo o universo. Desse modo, a expressão *liberdade da vontade* é a capacidade de se opor aos próprios condicionamentos biológicos, psicológicos e sociais. Na psicologia de São Francisco de Sales, a vontade é que determina o bem que se quer alcançar ou não, ou até mesmo rejeitar.

Ora, pode-se questionar se a santidade cristã é um significado relevante. Frankl (2017, p. 58), nesse sentido, defende que:

Essa fé inconsciente da pessoa, que aqui se nos revela e está englobada e incluída no conceito de seu “inconsciente transcendente”, significa então que sempre houve em nós uma tendência inconsciente em direção a Deus, que sempre tivemos uma ligação intencional, embora inconsciente, com Deus. E é justamente este Deus que denominamos de Deus inconsciente.

Assim, confirma-se a intuição teológica de São Francisco de Sales de que o ser humano é inclinado naturalmente para amar a Deus. O inconsciente espiritual aparece como transcendente e, assim, o homem e mulher estão sempre orientados para Deus, como afirma São Francisco de Sales em *Tratado de amor a Deus*, quando menciona da inclinação natural a Ele. A expressão *Deus inconsciente* quer indicar o caráter transcendente da natureza humana.

A vida cristã foi apresentada por São Francisco de Sales na categoria do amor, enquanto que a santidade cristã é descrita e conceituada partindo do amor humano. Todo ato humano feito na caridade é um passo de amor, isto é, uma aproximação de Deus. Para viver a caridade, é preciso viver o amor de amizade com Ele, sendo possível se numa relação de doação e recebimento. Assim, Deus dá a graça da santificação e recebe todos os que aceitam-na na gratuidade.

Para Frankl (2017, p. 33), o amor é um dos grandes sentidos da existência humana:

[...] a decisão do amor, pois, da mesma forma que a consciência revela ‘aquele único necessário’, o amor revela o único que é possível, ou seja, as possibilidades únicas da respectiva pessoa amada. Na verdade, somente o amor, e somente ele, é capaz de ver a pessoa na sua singularidade, como o indivíduo absoluto que é. Neste sentido, o amor possui importante função cognitiva. E essa função cognitiva já foi talvez compreendida e reconhecida quando, em hebraico, o ato de amor e o ato de conhecimento foram designados pela mesma palavra.

Desse modo, São Francisco de Sales concebe o amor na vontade, chamando-o de afeição racional, porque é fundada na razão (SALES, 1894). Portanto, neste assunto, há uma conveniência em ambos os autores, já que o amor possui uma inteligibilidade.

O Papa Francisco, na exortação apostólica *Gaudete et Exsultate* trata da santidade relacionada com a pobreza de espírito proveniente da espiritualidade inaciana com o tema da *indiferença* nos Exercícios Espirituais, que envolve a busca do silêncio interno em vista de sentir o amor de Deus por aquilo que cada pessoa é e que a desperta para ser *magis*, mais. Com isso, a pessoa adquire maior liberdade interior.

Esta pobreza de espírito está intimamente ligada à “santa indiferença” proposta por Santo Inácio de Loyola, na qual alcançamos uma estupenda liberdade interior: ‘É necessário tornar-nos indiferentes face a todas as coisas criadas (em tudo aquilo que seja permitido à liberdade do nosso livre arbítrio, e não lhe esteja proibido), de tal modo que, por nós mesmos, não queiramos mais a saúde do que a doença, mais a riqueza do que a pobreza, mais a honra do que a desonra, mais uma vida longa do que curta, e assim em tudo o resto’ (SANTO INÁCIO DE LOYOLA apud FRANCISCO, 2018, p. 69).

Diante disso, querer a santidade é, em primeiro lugar, ter o desejo de viver a própria vida, dando-lhe um sentido. É preciso reconhecer que o homem e mulher são amados por Deus, antes destes se perceberem pecadores, bem como se faz necessário entender que Deus atrai misteriosamente todos ao seu amor. Com efeito, para viver a santidade, basta permanecer homens e mulheres amados de Deus, porque todos são chamados à santidade – ainda que permanecendo como são. O Papa Francisco destaca os detalhes de Jesus:

Lembre-mos como Jesus convidava os seus discípulos a prestarem atenção aos detalhes: o pequeno detalhe do vinho que estava a acabar em uma festa; o pequeno detalhe de uma ovelha que faltava; o pequeno detalhe da viúva que ofereceu as duas moedinhas que tinha; o pequeno detalhe de ter azeite de reserva para as lâmpadas, caso o noivo se demore; o pequeno detalhe de pedir aos discípulos que vissem quantos pães tinham; o pequeno detalhe de ter a fogueira acesa e um peixe na grelha enquanto esperava os discípulos ao amanhecer (FRANCISCO, 2018, p. 144).

Percebe-se que a compreensão psicológica do ser humano sob a perspectiva de São Francisco de Sales possui certa afinidade com Frankl. Isso porque a essência desta identidade é detectada em nível antropológico e, portanto, a chave

para entender a teologia do Santo e a abordagem psicológica do austríaco é reconhecer que ambos implicam em formas diferentes, o primeiro no ponto de vista teológico e o segundo no sentido filosófico, embora relacionadas, quanto à concepção de homem e mulher mas que, ao mesmo tempo, enfatizam a participação essencial ou original na natureza humana, que torna cada pessoa aberta para Deus.

Enfim, o que está na afinidade entre Frankl e Sales é uma antropologia, ou seja, o quadro do ser humano como sistema aberto. Aliás, as particularidades favorecem uma maior compreensão do sentido da vida, pois pode-se unir a perspectiva filosófica de Frankl com a teológica de Sales para alargar o horizonte das experiências vividas no dia a dia e, conseqüentemente buscar uma melhor forma de bem viver frente aos desafios da vida.

ANTHROPOLOGICAL AFFINITIES BETWEEN FRANCIS OF SALES AND VIKTOR FRANKL

Abstract: this study presents the contributions of St. Francis of Sales on the theme of the universal vocation to Christian holiness. Thus, a relation to the fundamental theoretical principles of Viktor Frankl is made, having as approach the concept of Christian holiness in Sales' writings. The universality of the vocation to Christian holiness was presented by this Saint in the category of love, being described and conceptualized based on human love. It can be said that there are affinity and many tangent points in the spiritual conception of the human being since Frankl develops the spiritual-spirituality concept in an ontological-anthropological reality; while Sales in the context of a metaphysical reality. The greatest point of contact between the authors can be based on the concept of moral conscience in Frankl and the concept of will and or the three degrees of reasons in Sales.

Keywords: *Vocation. Holiness. Love.*

Notas

- 1 «[...] Dieu est Dieu du coeur humain».
- 2 «j'ay seulement pensé a représenter simplement et naïvement, sans art et encor plus sans fard, l'histoire de la naissance, du progres, de la decadence, des operations, propriétés, avantages et excellences de l'amour divin».
- 3 «le fond de la science est tous-jours un peu plus malaysé a sonder, et se treuve peu de plongeons qui veillent et sachent aller recueillir les perles et autres pierres precieuses dans les entrailles de l'ocean».
- 4 «des amours d'un chaste berger et d'une pudique bergere».
- 5 «[...] parmi l'innumerable multitude et variété d'actions, mouvements, sentimens, inclinations, habitudes, passions, facultés et puissances qui sont en l'homme, Dieu a establi une

naturelle monarchie en la volonté, qui commande et domine sur tout ce qui se treuve en ce petit monde [...].».

6 «[...] le bien est ce qui plait a l'appetit et volonté [...].».

7 «source et racine».

8 «[...] l'amour n'est autre chose, ainsy que nous avons dit sinon le mouvement et escoulement du coeur, qui se fait envers le bien par le moyen de la complaysance que l'on a en iceluy; de sorte que la complaysance est le grand motif de l'amour, comme l'amour est le grand mouvement de la complaysance».

9 «[...] une certaine eminence et supreme pointe de la rayson [...], em que se pode conhecer [...] par une simple veüe de l'entendement et un simple sentiment de la volonté, par lesquelz l'esprit acquiesce et se sousmet a la verité et a la volonté de Dieu».

10 «[...] le fond du coeur est reservé à Dieu seul et qu'il n'y a que luy qui le puisse penetrer».

REFERÊNCIAS

FRANCISCO, Papa. *Gaudete et Exsultate*: exortação apostólica sobre a chamada à santidade no mundo atual. Brasília: CNBB, 2018.

FRANKL, V. E. *A presença ignorada de Deus*. 18. ed. São Leopoldo: Vozes, 2017.

FRANKL, V. E. *A Psicoterapia na prática*. Campinas: Papirus, 1991.

FRANKL, V. E. *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papirus, 1990.

FRANKL, V. E. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

FRANKL, V. E. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. Aparecida: Santuário, 1989.

SALES, Saint François de. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1893. (Tome III).

SALES, Saint François de. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1894. (Tome IV).

SALES, Saint François de. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1897. (Tome IX).